



Autoeuropa recebe presidente alemão com novo modelo automóvel na agenda

A fábrica da VW em Palmela recebe hoje a visita de Joachim Gauck, na expectativa de que seja anunciado o quarto modelo automóvel. Empresas que acompanham presidente alemão realçam condições para investir em Portugal. — P6 A 8

Líderes de patrões e sindicatos explicam gestão de sucesso

Embaixador alemão escreve opinião sobre investimento no País



Markus Kerber, líder do patronato alemão, e Rainer Hoffman, que representa os sindicatos, falaram ontem com o Económico sobre a gestão em empresas alemãs.

Paula Nunes



Autoeuropa deve revelar hoje novo modelo

Investimento A fábrica de Palmela vai receber um investimento de 677 milhões da casa-mãe para implementar a nova plataforma que permitirá produzir todos os modelos do grupo VW.

Sara Piteira Mota
sara.mota@economico.pt

A Volkswagen (VW) Autoeuropa recebe hoje a visita dos Chefes de Estado alemão, Joachim Gauck, e português, Cavaco Silva, o que reforça a expectativa de que possa ser revelado o novo modelo a produzir na fábrica de Palmela. Junho foi a data apontada pelo diretor-geral da VW Autoeuropa, António de Melo Pires, para revelar qual o novo modelo ou modelos a produzir na fábrica.

Com o investimento de 677 milhões de euros numa nova plataforma (MQB) que permitirá fabricar todos os modelos de nova geração do grupo Volkswagen, a fábrica de Palmela vai criar mais 500 empregos directos e um terceiro turno, entre 2014 e 2019. Actualmente são produzidos em Portugal a VW Sharan, o Seat Alhambra, o Scirocco e o Eos.

A busca por um quarto modelo mantém-se há anos, até porque mais um modelo irá garantir os postos de trabalho, a permanência da fábrica no país e impulsionar a produção acima das 150 mil unidades por ano. "A grande mais-valia deste investimento é que pode preparar a fábrica para uma nova tecnologia de plataformas onde poderão ser construídos vários modelos de uma nova geração. E não só um, mas vários poderão vir com essa plataforma", explicou em Abril passado António de Melo Pires.

Na primeira visita de Estado do pós-'troika', o Presidente alemão, Joachim Gauck, fez-se acompanhar de uma comissão empresarial onde consta Michael Macht, membro do conselho de administração da VW AG responsável pela área da produção.

O Chefe de Estado alemão frisou, que os casos da Volkswagen e da Leica "são apenas dois exemplos" de que "existe de facto confiança por parte dos empresários alemães" nos trabalhadores portugueses. Mas existem outros exemplos de que Portugal é um país atractivo para investimento

germânico. No início da semana, a Presentius Kabi anunciou um novo investimento na unidade industrial de medicamentos Labesfal no valor de seis milhões de euros, que permitirá criar 100 postos de trabalho até ao final do ano.

Os empresários portugueses que gerem subsidiárias alemãs acreditam que o país tem algumas vantagens competitivas, tais como a formação técnica e qualificada, a flexibilidade da mão-de-obra, os valores culturais e a língua. A Físipe é um bom exemplo. Ao ser adquirida, há dois anos, por uma empresa alemã, havia a convicção dos investidores de que seria necessário trazer cerca de 30

AICOS



O Instituto Fraunhofer Aicos, liderado por Dirk Elias, que faz investigação nas áreas de engenharia, vai abrir um pólo em Lisboa empregando mais 20 a 30 colaboradores qualificados e estudantes universitário. No Porto, o Aicos emprega 90 pessoas.

SCHMITT+SOHN ELEVADORES



A empresa alemã Schmitt+Sohn Elevadores, liderada por Franco Leichsenring, vai continuar a apostar em Portugal. Nas duas fábricas, que operam em três turnos, a empresa conta com 380 pessoas, um número que deverá aumentar 4% este ano.

engenheiros da Alemanha. Afinal foi apenas necessário um, dada a qualidade dos recursos nacionais.

Paulo Carvalho, director-geral a SAP Portugal, um dos participantes na conferência organizada Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, acredita que "a área de 'nearshoring' [centros de serviços] é uma oportunidade extraordinária para o país". Em três anos, a tecnológica triplicou o número de empregos no mercado nacional criando também um centro de serviços que tem como clientes as outras subsidiárias.

Também a Bosch Portugal conseguiu conquistar uma nova área na fábrica de termotecnologia ligada ao aquecimento de casas que era desenvolvida na Índia e Estados Unidos. João Paulo Oliveira, administrador da Bosch Portugal, disse que este novo projecto vai implicar a contratação de 25 novos engenheiros.

E embora Portugal tenha atravessado uma grave crise económica, algumas empresas alemãs mantiveram e reforçaram os investimentos. "A partir de 2008, investimos mais de seis milhões nas nossas duas fábricas, em Matosinhos, aumentámos a produção e a exportação", disse Franco Leichsenring, administrador da Schmitt+Sohn Elevadores.

Alguns dos gestores defenderam ainda a ideia de que o turismo é uma boa oportunidade para atrair investimento estrangeiro mesmo em áreas como investigação e desenvolvimento tecnológico. Melo Ribeiro, CEO da Siemens, lembrou que "a onda da Nazaré também atrai investimento". "O desenvolvimento de TI precisa de muita liberdade e o facto do país ter um mar por perto dá liberdade para criar", frisa. Não é menos relevante o facto de Portugal ter mais de 2,2 mil milhões de euros em fundos comunitários para apoiar investimentos nesta área. O responsável defende ainda que Portugal tem tudo o que precisa para sair da crise, mas que tem de "voltar a colocar Portugal no mapa". ■

TRÊS PERGUNTAS A...



BERNARDO MEYRELLES

Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã

"Ainda falta flexibilizar, mas não o custo de salários"

Portugal é uma economia que oferece confiança aos empresários?

Sempre houve muita confiança no sentido em que Portugal é um país europeu e a Alemanha é o principal coordenador do projecto europeu. Temos de ter em atenção o trabalho que Portugal fez ao longo dos últimos três anos. Está mais forte, ganhou credibilidade, mostrou que sabe sair de situações que lhe são menos favoráveis e fortalecer-se.

O país oferece as condições laborais adequadas ou ainda há reformas a fazer?

Em termos de custos já não temos mais nada a fazer, nunca conseguiremos competir em custo com os países de Leste e asiáticos. Por isso, o que temos de ter é o que se chama 'value for money' e nisso o nosso binómio é muito bom. O custo da nossa mão-de-obra, para a qualidade que oferece, é muito bom. É por aí que temos que nos evidenciar. Ainda faltam alguns aspectos de flexibilização e modernização, mas não no custo.

Que tipo de flexibilização?

A capacidade de mudar horários, turnos, de mudar de um sector para outro, de contratação, despedimento. É isso que é relevante, bem como maior qualificação não tanto a nível de quadros de topo mas dos segmentos mais baixos. M.P.

PRESIDENTE ALEMÃO FALA DE



Défice

Cerca de 70% da melhoria é explicada pela quebra das importações nacionais.

Luís Reis Pires
luis.pires@economico.pt

O défice que Portugal tem nas trocas comerciais com a Alemanha caiu 2,3 mil milhões de euros desde a chegada da 'troika'. No entanto, 70% dessa diminuição é explicada por uma quebra das compras das empresas portuguesas às alemãs.

Ontem, na conferência dos 60 anos da Câmara de Comércio Luso-Alemã, Cavaco Silva frisou que, de todos os resultados económicos conseguidos pelo país nos últimos três anos, "o mais relevante é o aumento das exportações, que subiram de 30% do PIB em 2010 para 40%



Paulo Alexandre Coelho

“RELAÇÃO DE SOLIDARIEDADE” ENTRE PORTUGAL E ALEMANHA



A conferência de ontem fechou com a presença do Presidente da República, Cavaco Silva, e do seu homólogo alemão, Joachim Gauck. Cavaco, que entrou a partir a louça - deixou cair um copo quando se sentou -, falou dos feitos de Portugal nos últimos três anos, que tornaram o país mais competitivo e “atractivo para as empresas alemãs”. Os progressos foram reconhecidos por Gauck, que classificou a saída da ‘troika’ como “uma bonita história de sucesso”. E disse que as relações entre os dois países são marcadas “pela solidariedade”. Antes, o ministro da Economia, Pires de Lima, havia sublinhado a subida do investimento no primeiro trimestre, que “cresceu pela primeira vez em muitos anos 12%”.

comercial encolheu 2,3 mil milhões

do PIB em 2013”. “Este é o caminho que vamos continuar a trilhar”, garantiu o Chefe de Estado. Ao seu lado, o homólogo alemão, Joachim Gauck, destacou a evolução positiva nas relações entre os dois países e o facto de a Alemanha ser o segundo maior parceiro comercial de Portugal.

Os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) mostram que a Alemanha mantém essa posição há já muitos anos e que na relação comercial entre os dois países Portugal tem tido sempre uma posição deficitária.

No entanto, desde o início do programa de ajustamento, Portugal começou a equilibrar as contas: em 2010, o défice comercial com a Alemanha somava perto de 3,3 mil milhões de euros. No ano passado ficou-se pelos 953 mi-

lhões. É uma queda de 2,3 mil milhões de euros em três anos.

Entre o início e o fim do programa, as exportações de Portugal para a Alemanha tiveram um aumento de quase 14%, ou

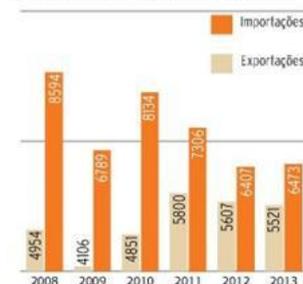
seja 670 milhões de euros.

Mas, no mesmo período, as importações recuaram 1,7 mil milhões de euros, o que significa que 70% da diminuição do défice comercial se deve a menos importações, resultantes da actividade económica em Portugal, e não a mais exportações para a Alemanha.

O que, de certa forma, pode colocar em causa a sustentabilidade da melhoria, à medida que a recuperação da economia nacional acelera. Aliás, os números do INE mostram que o défice registou um mínimo de 800 milhões de euros em 2012 - no auge da crise - e que, no ano passado, subiu para 953 milhões. E nos primeiros quatro meses de 2014 - período para o qual o INE já tem dados - o défice com a Alemanha soma já 548 milhões. ■

TROCAS COM A ALEMANHA

Portugal comprou menos e vendeu mais nos últimos anos.



Fonte: INE